

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
PSICOLOGIA

BEATRIZ FERREIRA DOS SANTOS

A TENDÊNCIA ANTISSOCIAL: REFLEXÕES WINNICOTTIANAS SOBRE O FILME  
“GÊNIO INDOMÁVEL”

MACEIÓ  
2021

BEATRIZ FERREIRA DOS SANTOS

A TENDÊNCIA ANTISOCIAL: REFLEXÕES WINNICOTTIANAS SOBRE O FILME  
“GÊNIO INDOMÁVEL”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Alagoas como requisito  
parcial à obtenção de título de bacharel.

Orientador(a): Profa. Dra. Heliane de Almeida Lins  
Leitão

MACEIÓ  
2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
- UFAL INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP**

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE  
PSICOLOGIA**

**FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC – VERSÃO  
AVALIADOR (A)**

Aluno/a: Beatriz Ferreira dos Santos

Matrícula do/a aluno/a: 15210388

Título do TCC: A Tendência Antissocial: Reflexões Winnicottianas Sobre o Filme “Gênio Indomável”

Orientadora/ Unidade: Heliane de Almeida Lins Leitão / IP

Avaliador/a/ Unidade: Paula Orchiucci Miura / IP

**Orientação: É função dos avaliadores atribuírem, ao final do parecer uma nota de zero (0) a dez (10.0), considerando os seguintes indicadores e critérios:**

<b>Indicadores</b>	<b>Contemplado</b>	<b>Contemplado em parte</b>	<b>Não contemplado</b>
1- O problema está bem delimitado e existe coerência com os objetivos?	X		
2- O referencial teórico utilizado é atualizado e coerente com o problema proposto?	X		
3 – O método é bem definido e adequado ao problema e objetivos, com as fases de pesquisa claramente relatadas?	X		
4- Os resultados, discussão e conclusões apresentam coerência entre si e com o problema proposto?		X	
5 - O texto é claro, objetivo e usa linguagem correta?	X		

Recomendações/sugestões do/a avaliador/a:

O trabalho apresenta um tema muito importante de ser discutido e estudado na área da Psicologia. O TCC atende a todos os critérios acima. Sugiro rever as normas acadêmicas utilizadas no trabalho. Recomendo publicação de artigo.

Nota do/a Avaliador/a: 9,0

Data: 29/01/21

Paula O. Miura

Assinatura do/a Avaliador/a

Paula Orchiucci Miura/ SIAPE 2206282



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP  
CURSO DE PSICOLOGIA

FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC – VERSÃO ORIENTADOR

Aluna: Beatriz Ferreira dos Santos  
Matrícula da aluna: 15210388

Título do TCC: A Tendência Antissocial: Reflexões Winnicottianas Sobre o Filme  
“Gênio Indomável”

Orientadora/Unidade: Heliane de Almeida Lins Leitão / IP

Orientação: É função dos avaliadores atribuir, ao final do parecer uma nota de zero (0) a dez (10.0), considerando os seguintes indicadores e critérios:

Indicadores	Contemplado	Contemplado em parte	Não contemplado
1- O problema está bem delimitado e existe coerência com os objetivos?	X		
2- O referencial teórico utilizado é atualizado e coerente com o problema proposto?	X		
3 – O método é bem definido e adequado ao problema e objetivos, com as fases de pesquisa claramente relatadas?	X		
4- Os resultados, discussão e conclusões apresentam coerência entre si e com o problema proposto?		X	
5 - O texto é claro, objetivo e usa linguagem correta?	X		

Recomendações/sugestões dos avaliadores: A avaliadora fez contribuições ao trabalho no formulário de avaliação.

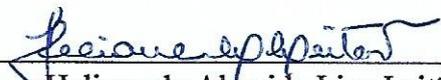
Nota da Orientadora: 9,0

Nota da Avaliadora: 9,0

Nota Final: Média entre as duas notas anteriores: 9,0 (nove)

Data: 31/01/2021

Assinatura da Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Heliane de Almeida Lins Leitão  
SIAPE 1120885

# A TENDÊNCIA ANTISSOCIAL: REFLEXÕES WINNICOTTIANAS SOBRE O FILME “GÊNIO INDOMÁVEL”

Beatriz Ferreira dos Santos

Universidade Federal de Alagoas

## Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir as contribuições de D. W. Winnicott para a compreensão da tendência antissocial, tomando como ilustração o caso apresentado no filme “Gênio Indomável” (EUA, 1997). Winnicott compreende que a tendência antissocial tem sua raiz numa falha ambiental na infância, quando a criança sofre a deprivação, ou seja, a perda de algo importante, que era positivo em seu desenvolvimento. O filme “Gênio Indomável” retrata a história de Will, um adolescente órfão que tem um grande talento para matemática, descoberto por um professor de uma renomada universidade americana. Contudo, o jovem apresenta comportamentos agressivos e infratores, manifestados de diferentes maneiras no ambiente social. A partir dos conceitos de Winnicott, foi realizada a análise de conteúdo do filme, buscando ilustrar a tendência antissocial, suas origens e possibilidades de tratamento. Observa-se na história de Will a deprivação inicial, pela perda de seus pais na infância e na falha ambiental sofrida na família substituta, onde sofreu violência. A tendência antissocial, pode ser entendida como um sinal de esperança, na forma inconsciente de Will reivindicar o cuidado do ambiente. Na relação de sustentação emocional (*holding*) estabelecida com o terapeuta, Will encontra a possibilidade de restauração da confiança no ambiente e a elaboração das perdas infantis. A responsabilidade e possibilidades da sociedade no cuidado e assistência a crianças e jovens que apresentam tendência antissocial são discutidas, pensando-a como um espaço, para além da família, ativamente buscado por essas crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Deprivação. Tendência antissocial. Winnicott. Filme.

## Introdução

Pensando nas consequências que a perda, o abandono, a separação, enquanto falhas ambientais podem gerar não somente no desenvolvimento da criança, mas no seu processo de alcance a vida adulta, Winnicott nos gera até hoje inquietações a respeito desse e outros assuntos que remetem à sua teoria da tendência antissocial.

Como apontado por Clare Winnicott (1983), apesar dos estudos de Winnicott sobre privação e delinquência terem sido iniciados em um contexto específico de guerra, reconhece-se a aplicação geral desses conhecimentos já que “as crianças que sofrem privação

e se tornam delinquentes, têm problemas básicos que se manifestam de modos previsíveis, sejam quais forem as circunstâncias” (p. XI).

Winnicott, como outros grandes estudiosos, lidou com as consequências da Segunda Guerra Mundial mergulhado nos problemas dessa época. Além da destruição física, é necessário lidar com a destruição ambiental intrafamiliar que a população começa a enfrentar. Trabalhando com as crianças arrancadas dos seus lares devastados, do convívio familiar, que precisaram ser evacuadas, que Winnicott como consultor psiquiátrico, entres os anos 1940 e 1945, adentra nas sequelas psicológicas que tais acontecimentos podem causar (Justo, Buchianeri, 2010). A partir das suas experiências com a evacuação dessas crianças para novos lares temporários e com a guerra em vigor, Winnicott (1987) não consegue ignorar a questão da delinquência.

É no decorrer desse seu trabalho que podemos nos debruçar sobre seus conceitos de privação e tendência antissocial. Para Winnicott não é possível pensar o indivíduo fora do seu ambiente, por conta da dependência absoluta que ele se encontra inicialmente, por isso essa importância do ambiente e dos cuidados maternos nos estágios iniciais do desenvolvimento da criança (Leitão, 2017). Assim, o ambiente é um aspecto destacado nas teorias de Winnicott, não só em relação à privação e tendência antissocial, mas em termos da centralidade do ambiente para o desenvolvimento e constituição subjetiva do indivíduo. Pode-se observar então a ênfase do autor nas condições ambientais, tanto no sentido micro como macro, para um desenvolvimento saudável.

Discorrendo sobre uma pesquisa realizada na Child Guidance Clinic de Londres, Winnicott (1939) percebe que um importante fator externo para a delinquência é a separação prolongada de uma criança e de sua mãe. Observa-se aqui a base para seu conceito de privação. Como explica Rosa (2017), a tendência antissocial tem início em uma falha ambiental, quando a criança sofre a privação, ou seja, quando ela “teve um bom começo, já havia constituído a capacidade de acreditar em..., ou seja, a “contar com”, e sofreu em seguida a perda desse algo com que já contava” (Rosa, 2017, p. 179). A centralidade da privação é a perda de algo que era positivo no desenvolvimento da criança por um tempo maior do que ela poderia preservar em sua memória (Winnicott, 1987).

Por envolver falhas ambientais que por vezes se tornam tão frequentes, a tendência antissocial continua sendo um tema muito relevante para novas discussões e novas possibilidades de pensá-la dentro do contexto social atual. Pensar então as contribuições de Winnicott para esse tema possibilita a nós, como sociedade, novas formas de enxergar e lidar

com essas crianças e adolescentes e entender nosso papel diante delas, compreendendo inicialmente como essa tendência se origina e pode se manifestar. Veremos como Winnicott atribui um papel de destaque ao social como uma possibilidade de ambiente facilitador nesse processo, tanto na prevenção quanto no manejo dessas situações. Segundo Winnicott, as crianças com tendência antissocial buscam segurança e a sociedade pode, e deve, buscar formas de oferecer isso. Além de que, quanto mais cedo é observado o comportamento antissocial, mais cedo poderá ser oferecido um cuidado; como também quando a sociedade evidencia uma atitude apropriada diante desse comportamento, diminui as chances de um choque entre ambos evitando que o caminho leve para o que será associado a uma delinquência plenamente desenvolvida (Winnicott, 1965).

Com o desejo de discorrer sobre esse tema, o presente trabalho tem como objetivo discutir, por meio dos estudos de Winnicott os conceitos de privação e tendência antissocial, exemplificando-os numa breve análise do filme “Gênio Indomável” (EUA, 1997), pensando as contribuições de Winnicott para o tema. A utilização de filmes em trabalhos que envolvem a clínica psicanalítica é muito relevante e nos proporciona debates que podem contribuir para a compreensão do que aparece no trabalho do psicanalista (Cremasco, Schinemann & Pimenta, 2015).

Foi adotado a análise de conteúdo como estratégia de análise do filme. Desta forma, de acordo com Castro; Abs & Sarriera (2011) é possível fazer inferências acerca da obra cinematográfica escolhida. Inicialmente é apresentado uma sinopse do filme junto com recortes de cenas que mais tarde serão articuladas com a teoria. O critério para a seleção de cenas se deu a partir de trechos do filme que possam exemplificar comportamentos presentes na tendência antissocial e/ou que relatam aspectos importantes da história de vida, especialmente da infância, do personagem principal. Em sequência, é dedicado a parte teórica, apresentando os conceitos abordados por Winnicott sobre o comportamento antissocial e delinquente, considerando algumas implicações. Por fim, relacionamos algumas cenas do filme, relevantes ao tema estudado, com a parte teórica nos possibilitando um retorno aos conceitos de Winnicott com o objetivo de ilustrar a tendência antissocial e pensar tais contribuições.

O presente artigo é fruto de uma trajetória na graduação de encanto pelos estudos possibilitados pela teoria de um dos grandes nomes da psiquiatria e da psicanálise da criança. Os conceitos de Donald W. Winnicott são os referenciais usados no presente trabalho para aprofundarmos os aspectos manifestados na tendência e comportamentos antissociais.

## 1. *Good Will Hunting*

O filme “Gênio Indomável” foi produzido em 1997 e tem como nome original “Good Will Hunting”. O título leva o nome do personagem principal, Will Hunting, e faz um verdadeiro jogo de palavras com isso. O termo “good” tem como tradução para o português “bom” nos dando uma tradução literal de “bom Will Hunting”. Mas seria Will bom mesmo? Outra forma de observar esse título é com o termo “goodwill” que significa “boa vontade” e “hunting” que traduzindo significa “caçando”. Estaria Will caçando, ou procurando, alguém com boa vontade para acolhê-lo? Ou o título remeteria ao processo de busca pela ‘boa vontade’ e potencial positivo de Will, narrado no filme?

Will Hunting é um jovem órfão, que vive sozinho em uma pequena casa e alterna seus dias em estar com seus três amigos e seu trabalho como faxineiro em uma renomada universidade americana. A trama acontece em torno de um grande talento de Will com a matemática que é descoberto por um dos professores dessa universidade, após o mesmo solucionar um problema deixado no quadro como desafio para os alunos. O problema matemático escolhido levou dois anos para ser solucionado pelo Prof. Gerald e seus outros alunos, mas Hunting o resolve, anonimamente, em apenas uma noite enquanto trabalhava limpando a universidade. Quando um segundo desafio é deixado para os alunos, Will novamente o soluciona rapidamente. Porém, enquanto está no quadro resolvendo é descoberto pelo professor. Após ser visto, Will foge, deixando-os ali.

Logo em seguida, Will se envolve em mais uma briga com seus colegas. O jovem, que já havia sido preso algumas vezes por pequenos delitos, como agressão, furto de automóvel e lesão corporal, é levado novamente à prisão. O Prof. Gerald, responsável pelo desafio e pela equipe de matemática da universidade, assume então a responsabilidade pelo garoto para tirá-lo da prisão. Will aceita então integrar a equipe de matemática para se livrar da cadeia. Mas para isso, outra imposição é colocada, dessa vez pela justiça. Will precisará fazer algumas sessões de terapia.

Hunting não apresenta nenhuma dificuldade com os problemas matemáticos que lhe são apresentados, pelo contrário, os soluciona agilmente, deixando a todos impressionados, principalmente seu novo mentor. No entanto, não agrada muito ao seu professor seu comportamento mal-educado e irônico na terapia. O primeiro terapeuta desiste de Will após, no primeiro encontro, o jovem insinuar que o mesmo era gay. O terapeuta Harry, após

abandonar Will na sala, afirma para Gerald que não está interessado em serviços comunitários com um ‘maluco’, se referindo a Hunting.

Em sequência, acompanhamos a tentativa do segundo terapeuta. Will finge estar envolvido na sessão, até começar a cantar uma música e rir da tentativa de hipnose. Da mesma forma, o segundo terapeuta desiste. Após sua saída, enquanto ainda ria, Will afirma para o professor *“Ele foi embora, não pode pôr a culpa em mim”*.

O terceiro terapeuta, Sean, é introduzido na trama, em uma cena bem interessante. Sean, que além de terapeuta é professor, está dando aula em uma universidade, e discorre sobre como a confiança é o mais importante na superação dos bloqueios do cliente:

*“Confiança. É importante nos relacionamentos e também é muito importante em uma situação clínica. Por que a confiança é o mais importante para conseguir resultado com o cliente?... Sem ela não faz sentido tentar a terapia. Se o cliente não confia em nós não faz sentido continuarmos sendo o terapeuta”*.

Hunting é apresentado a Sean, e na primeira sessão eles engatam em uma conversa sobre livros e esportes, até o jovem provocar o terapeuta falando sobre sua esposa. Apesar da primeira sessão terminar de maneira inesperada, com Will sendo levantado pelo pescoço por Sean após a provocação de Hunting, é com Sean que Will efetivamente inicia o processo terapêutico. Na segunda sessão, enquanto conversam em uma praça, Sean relata para Will como se sentiu depois das provocações feitas por ele. O terapeuta então afirma, que pensou muito sobre tudo que Hunting falou e chegou à conclusão de que ele era apenas um garoto, briguento e assustado. *“Você não sabe o que é a perda. Porque ela só ocorre quando você ama alguém mais do que a você mesmo. Duvido que você tenha amado seu pai ou alguém tanto assim”*, afirma Sean. O terapeuta então, incita Will a contar quem ele é, pois só assim ele poderá saber quem ele realmente é. Na terceira sessão Will não fala nada durante uma hora. Sean afirma então que Hunting só falará quando quiser falar.

Prof. Gerald, ainda bastante impressionado com o talento de Hunting, consegue algumas entrevistas de trabalho para ele. Porém Will além de faltar a elas, pede para que um de seus amigos se passe por ele numa entrevista, o que deixa o professor preocupado e irritado. A relação entre Will e o professor fica mais tensa. Numa reunião com ele, Will afirma para o professor, enquanto segura um papel com a resolução de um dos problemas por ele solucionado: *“Não marque mais reuniões... Eu só não queria passar o resto da minha vida explicando essas besteiras para você”*. Gerald responde então: *“você deveria demonstrar algum agradecimento”*. Will encerra a conversa ao falar, com desprezo:

*“Algum agradecimento? O senhor sabe o quanto isso é fácil para mim? Faz ideia do quanto isso é fácil? Isso para mim é uma piada. Eu sinto muito se o senhor não consegue fazer isso. Eu realmente sinto. Porque eu não tenho saco para ficar aqui com o senhor fazendo essas coisas”...*

E depois queima o papel com a solução do problema, deixando o professor desesperado.

Apesar de na primeira sessão, após conhecer Sean, Will não falar nada, no decorrer das outras podemos conhecê-lo e compreendê-lo melhor. Ainda que no filme não se observe cenas que mostrem a infância do nosso protagonista, entendemos que após a morte dos seus pais, Hunting é enviado para uma família adotiva onde era constantemente agredido por seu pai adotivo. É depois disso que passa a morar sozinho. Percebe-se também que Will vivia com seus pais em um bom convívio familiar até os perder, de uma forma que não teria como guardar tal experiência na memória por tempo suficiente para preservar e reviver as lembranças positivas. Hunting, que antes podia contar com os pais, se vê diante de uma família substituta que não oferece cuidados, mas violência.

No decorrer da trama, Will engata em um relacionamento com uma estudante de Harvard chamada Skylar. Eles se conhecem em um bar, após uma discussão com alguns estudantes, Hunting mostra toda sua genialidade com discursos sobre vários dos seus conhecimentos, não só sobre a matemática. Após ficar impressionada com Will, os dois engatam em uma relação de muita paixão mas de alguns atritos, por conta da dificuldade de Hunting de expressar seus sentimentos por ela. E é sobre o relacionamento com ela que Will começa a falar nas sessões. Seu relacionamento o inquieta ao ponto de Will falar sobre isso com Sean, inicialmente como se não fosse nada importante, mas finalizando como o ambiente relacional que Will encontra como possibilidade de cuidado.

Nas conversas do casal, podemos perceber que Will esconde parte da sua história, com receio da reação da namorada, afirmando ter vários irmãos, por exemplo. Skylar e Hunting começam a se desentender e terminam o relacionamento quando ela o convida para ir com ela para Califórnia. Will, por medo, nega imediatamente. Skylar afirma que ele tem medo de amá-la e medo de ser amado. Nessa mesma discussão podemos entender que os irmãos que Will afirmava ter, se tratavam de seus irmãos adotivos, conseguindo compreender outros aspectos da sua infância. Hunting relata então que quando pequeno sofreu algumas agressões por parte do pai adotivo.

Em uma conversa entre Sean e o prof. Gerald observamos pontos essenciais destacados pelo terapeuta, no sentido da compreensão das dificuldades de Will. Ele afirma:

*“Por que ele está se escondendo? Porque não confia em ninguém. Por que ele foi abandonado pelas pessoas que deveriam ter confiado nele... Ele afasta as pessoas antes que elas tenham a chance de abandoná-lo. É um mecanismo de defesa. E por vinte anos ele tem estado sozinho por causa disso”.*

Na última sessão, enquanto termina de organizar o relatório que Will apresentará para o juiz, Sean pergunta para Will, quando o mesmo o questiona sobre o que diz em sua ficha, se ele mesmo não gostaria de ler. Hunting o questiona então: *“Você já teve alguma experiência com isso?”* Se referindo ao seu próprio caso, a ter sido vítima de violência. Sean responde que pessoalmente teve, sim, por ter tido um pai alcoólatra que o abandonou. Will conta então um pouco da sua experiência com seu pai adotivo falando: *“Eu me lembro de quando ele chegava, sentava à mesa e tirava os sapatos...Estava tudo arranjado para acabar com ele”.* Depois Hunting volta a falar sobre o relatório e questiona: *“Então, como é que vai ser? ‘Will tem dificuldades com relacionamentos’, esse papo todo, ‘Medo de ser abandonado’? É por isso que eu acabei com a Skylar (sua namorada)?”*

O terapeuta então aponta para o relatório e diz *“A culpa não é sua”* e repete essa frase várias vezes seguidas. Inicialmente Will responde afirmando que sabe disso. Mas à medida que Sean continua a afirmar que a culpa não é dele e se aproxima, entre falas de *“não”, “eu sei”, “não brinca comigo”* e movimentos defensivos, Hunting se encontra em lágrimas ao ser abraçado por seu terapeuta enquanto ele continua a repetir que a culpa não é de Will. Hunting então fala *“eu sinto muito”*.

Nas últimas sessões podemos observar Will se abrir e se implicar na terapia, considerando seriamente as falas de Sean. Eles conversam sobre os amigos e a namorada de Will, entrevistas de emprego, futuro que Will deseja ter, sobre as experiências de Sean. É perceptível tanto como Will passa a se sentir à vontade no consultório como também o desenvolvimento na relação dos dois.

Percebe-se com as sessões que Sean vê no relacionamento com a namorada, na possibilidade de Will ser amado e amar, uma aposta, uma chance para seu paciente encarar a vida adulta. Caminhando para o desfecho, apesar da pressão por parte do professor e dos amigos para que aceite uma das grandes propostas de emprego, Will sente dificuldades em

decidir sobre seu futuro. Ao conversar com Sean sobre isso, o terapeuta conta uma de suas histórias, de quando era mais novo e perdeu a chance de assistir um grande jogo para sair com a garota que viria a ser sua esposa. Hunting se diverte com a história e diz não acreditar que ele perdeu um jogo histórico por uma garota que ele mal conhecia. Sean afirma então que valeu a pena. Will, que inicialmente aceita um dos empregos, muda de ideia, e decide ir para Califórnia em busca da sua garota. Após entregar uma carta de despedida para Sean, Hunting inicia sua viagem para uma nova possibilidade de vida e é assim que assistimos a última cena da trama.

## **2. A Tendência Antissocial**

De acordo com Winnicott (1939) a agressividade pode ser um sintoma de medo, e pode causar um sentimento de insanável desespero e conseqüentemente uma atitude antissocial. A agressividade por se esconder, disfarçar e se relacionar com agentes externos quando manifestada é sempre uma tarefa difícil de identificar suas origens. Para entendermos melhor, vejamos o que Winnicott apresenta sobre agressividade. Abordando sobre esse tema na perspectiva winnicottiana, Dias (2000) destaca pressupostos básicos afirmados por Winnicott sobre agressividade. A agressividade é inerente à natureza humana, o que revela um sentido além de biológico ou psíquico, mas de provar que se está vivo, não tendo apenas um significado ou manifestação. Porém, mesmo sendo inata ao humano, ela só se desenvolverá se tornando parte se for oferecido, através do ambiente, a oportunidade de experienciá-la segundo a necessidade e emergência no amadurecimento.

“Se o ambiente fornece cuidados satisfatórios e se mostra capaz de reconhecer, aceitar e integrar essa manifestação do humano, a fonte de agressividade – que, no início, é motilidade e parte do apetite – torna-se integrada à personalidade total do indivíduo e será elemento central em sua capacidade de relacionar-se com outros, de defender seu território, de brincar e de trabalhar. Se não for integrada, a agressividade terá que ser escondida (timidez, autocontrole) ou cindida, ou ainda poderá redundar em comportamento anti-social, violência ou compulsão à destruição” (Dias, 2000 pp. 12,13)

Percebe-se então que quando a agressividade encontra no ambiente espaço para se manifestar de maneira saudável, ela é um aliado ao desenvolvimento da criança. Porém quando há uma falha nesse processo, ela pode ser reprimida e resultar em um comportamento antissocial.

Em um artigo apresentado à Topeka Psychoanalytic Society (1963), Winnicott, tratando do desenvolvimento da capacidade de envolvimento, aponta o ambiente suficientemente bom e os cuidados maternos adequados como necessários para que haja o desenvolvimento de tal capacidade. Esse envolvimento refere-se a importar-se ou preocupar-se, destaca o senso do indivíduo de responsabilidade, tanto em senti-la como aceitá-la. Winnicott acredita que o envolvimento surge no começo do desenvolvimento emocional da criança, nos termos da relação mãe-bebê, quando a criança constitui a figura materna como um corpo, sendo uma relação então de dois corpos. Logo, se houver a falha nos cuidados maternos e no ambiente, o desenvolvimento da capacidade de envolvimento pode não ocorrer. É importante que nesse processo a mãe proporcione dois aspectos do cuidado. O primeiro é a mãe como objeto que pode satisfazer as necessidades urgentes do bebê e o segundo, a mãe como cuidadora ativa da criança que recebe a afeição e a coexistência sensual. Essa mãe, como objeto, é o foco das pulsões eróticas e agressivas do bebê.

Winnicott em uma palestra para magistrados (1946) aborda também a relação da delinquência com a privação familiar. O ambiente familiar precisa oferecer a confiança de que a criança poderá desenvolver-se emocionalmente. Quando isso é perdido pela criança, ela busca essa segurança para além dos pais. Recorrendo a parentes ou a escola, por exemplo, a estabilidade que a distancia de enlouquecer. É importante compreender que no fundamento da tendência antissocial houve um período de desenvolvimento satisfatório e posteriormente ocorreu a falha no ambiente (Winnicott, 1965). A criança antissocial está indo para além da família e da escola. Ela está recorrendo à sociedade, em busca da estabilidade necessária para seu desenvolvimento emocional. O comportamento antissocial é então um pedido de socorro da criança por contenção e controle de pessoas fortes e confiáveis.

Sá (2001) discorrendo sobre o conceito de delinquência para Winnicott, aponta a delinquência como uma tentativa de retorno ao momento antes da perda, onde existia a confiança e a segurança no ambiente. Na delinquência plenamente desenvolvida entretanto, a criança tem necessidade, como exemplificado por Winnicott, de uma figura como de um pai rigoroso que permite que a mesma recupere-se dos seus impulsos primitivos de amor, seu sentimento de culpa e seu desejo de corrigir-se. “...O que se tem é a procura dos limites, do controle externo, da continência dos próprios impulsos, já que a criança, por si própria, não está sabendo como lidar com eles, como contê-los, como administrá-los” (Sá, 2001, p. 19). Assim, na delinquência, o indivíduo se torna cada vez mais inibido no amor, deprimido e despersonalizado. Logo, sentindo apenas a realidade da violência. Winnicott afirma que a

criança que tem o apoio nos estágios iniciais pelo seu lar, desenvolve a capacidade para controlar-se, que é chamado, eventualmente, de “ambiente interno”.

Para Winnicott (1956), por muitas vezes, a tendência antissocial nada mais é do que um pedido de socorro por controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes por parte da criança que não teve como criar um ambiente interno. Existe, portanto, uma relação direta entre a privação e a tendência antissocial. Na base da tendência antissocial está a perda de algo positivo na experiência da criança por um período maior do que aquele suficiente para a lembrança. A tendência antissocial não é resultado dessa perda, mas da privação num estágio do desenvolvimento emocional da criança, ou do bebê, ao qual a mesma não é capaz de ter uma reação madura à ela. Portanto, de acordo com Winnicott (1956), na raiz da tendência antissocial está a privação. É nesse ponto que o autor trata sobre a psicologia do luto. Afirmando que há mais esperança de que a criança possa obter ajuda quando a mesma estiver mais perto da capacidade para o luto, ou seja, para a elaboração da perda.

É essencial para criança perceber que houve uma falha externa. Quando há esse conhecimento surge a busca pela cura através de novos suprimentos ambientais. No caso das crianças com tendência antissocial, há uma pressão constante por essa cura através dos novos suprimentos, mas são incapazes de fazer uso deles. Nesse aspecto, Winnicott (1956), afirma que a psicanálise não é o tratamento da tendência antissocial e, sim, a providência de cuidados à criança. A estabilidade do novo suprimento ambiental, ou seja, o cuidado oferecido é redescoberto pela criança, e a confiança no ambiente o permite experimentar o novo e testá-lo. Esse processo que gera a estabilidade é que dá a terapêutica. Em casos mais favoráveis, o meio ambiente, no caso a vida familiar, pode “curar” já que a causa foi uma deficiência ambiental em um estágio de dependência do indivíduo.

Quando fala-se da adolescência, observa-se que mesmo em um ambiente facilitador dos processos de maturação, o adolescente ainda se depara com muitos problemas. Winnicott (1963) aponta três principais necessidades dos adolescentes; são elas: (1) a necessidade de se sentirem reais ou de tolerarem não sentir nada; (2) a necessidade de incitar a sociedade constantemente; (3) a necessidade de desafiar, que é um aspecto de tendência antissocial. Para Winnicott (1956) a tendência antissocial pode ser encontrada tanto em um indivíduo normal como em um neurótico ou psicótico, podendo ser encontrada em qualquer idade. Entretanto, ele considera um certo grau de tendência antissocial como típico da adolescência

“Na raiz da adolescência saudável, em geral, é impossível dizer que existe, inerentemente, uma privação; mas há algo que é, de maneira difusa, a mesma coisa,

embora num grau que só não é suficientemente forte para sobrecarregar as defesas disponíveis” (Winnicott, 1963, p. 174)

Winnicott (1961) descreveu três categorias de imaturidade pessoal. A primeira remete ao termo psicose. Nessa categoria se encaixam os indivíduos que tiveram os cuidados suficientemente bons nos estágios iniciais tendo assim condições de enfrentar as dificuldades e é um indivíduo que domina e não que é dominado pelos instintos. A segunda categoria diz respeito ao termo psicose. Aqui, nos primeiros cuidados há uma falha, uma deficiência de criação, que gera uma perturbação na estrutura básica da personalidade do indivíduo. Por fim, a categoria dos pacientes intermediários, onde encontramos uma atitude antissocial e que pode acarretar na delinquência. Nesses pacientes, os cuidados começaram suficientemente bons, mas em algum momento o ambiente falha, há uma privação e é esse abandono que constitui a base da tendência antissocial. A privação não distorce a organização do ego, como ocorre na psicose, mas dá à criança pulsão para forçar o ambiente a reconhecer o que houve. “Enquanto a privação resulta psicose, da privação resulta a tendência antissocial” (Rosa, 2017, p. 181). A tendência antissocial é uma característica que pode estar presente em crianças normais ou com qualquer tipo de diagnóstico, exceto a esquizofrenia. Ela é representada pela reivindicação da criança para o retorno à situação antes da falha, do abandono. Essa reivindicação pode apresentar-se através de devaneios, mentiras, enurese noturna, furto, agressão, destruição.

Como o ponto de origem da tendência antissocial tem um largo espectro - dos dez meses até o período de latência, pode-se conjecturar que a privação que ocorre num período mais primitivo é diferente da que ocorre num mais tardio. As primeiras manifestações da tendência antissocial podem ser a avidez, a enurese etc. seguidas mais tarde de outras como mentira, o roubo e a destrutividade. De qualquer modo, o não reconhecimento pelos pais desses sinais como manifestação da existência de uma privação impede o fornecimento dos cuidados específicos que poderiam evitar o desenvolvimento da tendência antissocial na direção de uma delinquência (Rosa, 2017, p. 182)

O ato antissocial é a tentativa de corrigir o efeito da privação, negando-a. É a tentativa de reivindicação do indivíduo para corrigir esse efeito como se ele não existisse. Porém, a criança não sabe qual foi a falha que sofreu. Esse movimento é algo positivo para o indivíduo com tendência antissocial, mostrando a possibilidade e disponibilidade de encontrar a “cura”. A privação dá ao indivíduo uma pulsão para forçar o ambiente a reconhecer que

houve essa perda (Winnicott, 1965). É o tipo de comportamento antissocial apresentado pela criança ou adolescente no ambiente social que demanda o envolvimento da sociedade diante dela. Assim, a sociedade determina o que reserva, ou seja, o que será feito, à pessoa com a tendência. Porém, encontra-se duas principais dificuldades. A primeira no fato da criança não saber qual era a privação original e a segunda, na sociedade que não está disposta a encarar o que o comportamento antissocial tem de positivo, por ter sido ferida pelo comportamento do adolescente e em parte por ignorar esse aspecto importante da teoria (Winnicott, 1965)

Como dito anteriormente, há casos onde a família consegue oferecer a “cura” tornando o ambiente suficientemente bom novamente. Quando o ambiente não é corrigido, a criança empenha-se em organizar uma vida de modo a vivê-la apesar do que lhe foi privado e a estar o tempo todo forçando o ambiente a efetuar a cura. Do ponto de vista do terapeuta, a tendência antissocial é a evidência de esperança no paciente.

### **3. A tendência antissocial no filme “Gênio Indomável”:**

Como podemos perceber, a tendência antissocial tem raiz em um momento de perda vivenciado pelo bebê ou pela criança, ou seja, na privação sofrida. Começamos então pela raiz da história do nosso protagonista. No filme em questão, podemos inferir que Will era uma criança que vivia com os pais, mas que em algum momento da infância eles morrem, tornando-o órfão. Ou seja, Hunting vivencia a perda de algo que era positivo. Como visto, a raiz da tendência antissocial está na privação. A privação está relacionada a essa perda na experiência da criança em um momento onde a mesma não consegue reagir de maneira madura. Will era um indivíduo que se desenvolvia emocionalmente ao lado dos pais, e sem esperar, os perdeu. Apesar de no filme não ser contado em que momento Will sofre essa perda, tal conhecimento se torna irrelevante para o aspecto antissocial que observamos no personagem.

Além dessa perda inicial, podemos perceber uma falha no ambiente ao qual Will é inserido após essa perda. Após a morte dos pais, Hunting é levado para um novo ambiente familiar. Nessa nova família adotiva ele sofre maus tratos pelo pai adotivo, precisando fugir e viver sozinho. Como vimos, a estabilidade do cuidado oferecido e a confiança no ambiente substituto permite à criança vivenciar a terapêutica. Winnicott (1951) afirma que quando o lar é suficientemente bom, ele se torna o mais apropriado para o desenvolvimento da criança e para o tratamento quando alguma ajuda psicológica é necessária. Em suma, observamos que o ambiente pode curar já que a causa foi uma deficiência no ambiente. Ou seja, o que era pra

ser um ambiente para suprir a perda vivida por Will, é na verdade um ambiente falho não o permitindo fazer uso de um possível suprimento.

Observa-se na história de Will, além da perda inicial, a falha no ambiente que deveria supri-lo. A tendência antissocial, pode ser entendida como a forma inconsciente de Hunting reivindicar o cuidado. Os seus comportamentos, que eventualmente o levaram à prisão algumas vezes, é uma reação dessa reivindicação. O adolescente impulsiona a sociedade a corrigir a omissão que foi esquecida, o efeito da privação sofrida (Winnicott, 1965). A criança ou o adolescente que apresenta tais atos, está através deles estimulando o ambiente a ser importante, está indo para além do ambiente que passou por uma falha. Ele transgredir contra a sociedade buscando em um novo ambiente por cuidado e controle. Na tendência antissocial a criança ou o adolescente, por uma motivação inconsciente, constantemente pressiona o ambiente atrás da cura por meio dos suprimentos ambientais. Ao falar sobre o papel do terapeuta nesse contexto, Winnicott (1956) destaca que é tarefa dele tolerar e compreender o paciente que inconscientemente pede por isso. O comportamento de Will, sua tendência antissocial, implica na verdade, do ponto de vista do terapeuta, uma esperança para o personagem.

Após não encontrar segurança no ambiente familiar substituto, no qual foi inserido, inconscientemente é buscado na sociedade e novamente não é encontrado. É importante destacar que a posição do Sean diante da provocação de Hunting na primeira sessão traz para ele a possibilidade de alguém que sustentará suas provocações, que na verdade retratam testes inconscientes na busca de um ambiente que o segure, que o sustente (Winnicott, 1956). A atitude do terapeuta produz, assim, segurança emocional em Will, num ambiente terapêutico de *holding* e confiabilidade.

Will tem a possibilidade então de encontrar um novo suprimento ambiental na terapia. Podemos lembrar da fala inicial do terapeuta Sean, ao afirmar que a confiança é o principal para a superação dos bloqueios do paciente. O ambiente terapêutico criado por Sean, permite que Will explore as possibilidades e compreenda emocionalmente que sofreu algo de que não teve culpa. Por isso, em uma das sessões, Sean repete inúmeras vezes para Hunting, após conversarem sobre as agressões sofridas por seu pai adotivo, “a culpa não é sua”. É essencial para Will perceber que houve sim uma falha, mas externa a ele. É com esse conhecimento que ele poderá testar os novos suprimentos ambientais, e então testá-los gerando uma estabilidade que produz efeitos terapêuticos, observados na mudança operada no relacionamento com a namorada, que já havia sido uma aposta por parte do terapeuta. Essa compreensão foi capaz

de gerar o processo de luto pela perda sofrida por Will possibilitando a ele recuperar a capacidade de confiar nas pessoas e ser feliz

“Em si mesmo, o luto indica maturidade no indivíduo. O mecanismo do luto é complexo e inclui o seguinte: um indivíduo sujeito à perda de um objeto introjeta o objeto, e este é submetido ao ódio dentro do ego... No decorrer do luto, o indivíduo pode ser temporariamente feliz. É como se o objeto ganhasse vida porque se tornou vivo no íntimo do indivíduo, mas existe mais ódio por vir...Com o tempo e com saúde, o objeto internalizado começa a libertar-se do ódio que, no começo, é tão poderoso. Num dado momento, o indivíduo recupera a capacidade de ser feliz, a despeito da perda do objeto, e por este ter readquirido vida no ego do indivíduo" (Winnicott, 1958, p. 150).

Como tratado pelo terapeuta no filme, observamos que um dos mecanismos de defesa de Will é não deixar que ninguém se aproxime para que não corra o risco de ser abandonado novamente. É importante destacarmos que a criança, após ocorrer a falha no ambiente, sente essa falha mas não a avalia intelectualmente (Winnicott, 1965). Ou seja, as defesas de Will não são conscientes da perda que sofreu, mesmo que a sinta.

Destaca-se também a necessidade de Will de desafiar, um aspecto presente na tendência antissocial (Winnicott, 1963). Durante toda a trama, observamos Will desafiando seu professor, seja destruindo algum trabalho feito por ele mesmo mas que o professor não conseguia solucionar, não aparecendo nas entrevistas de trabalho ou até mesmo colocando um dos seus amigos para fingir ser ele em uma dessas entrevistas. Will, inconscientemente, testa o professor para ver até quando o mesmo pode segurá-lo, da mesma forma que testou com os terapeutas. A diferença é que Sean, quando testado por Hunting, sustenta sua agressividade, sem ser destruído e sem retaliar, mantendo o ambiente confiável. O terapeuta oferece um ambiente de confiança, para que Will possa acreditar na estabilidade e permanência dele (Kloutau, Salem, 2009).

“Para Winnicott, portanto, o psicanalista não deve centrar-se apenas na atividade interpretativa, podendo essa atitude impedir ou retardar um processo de cura em função apenas da “necessidade pessoal [do analista] de interpretar”. Antes, deve ser capaz de fornecer ao paciente um ambiente propício para o estabelecimento de uma relação de confiança sobre a qual o trabalho possa se desenrolar” (Kloutau, Salem, 2009, p. 51)

E é isso que observamos nas sessões de Will com Sean. Não há uma tentativa de interpretação diante o que o paciente sofreu, mas o oferecimento do *holding*, visando a construção de um espaço potencial para o suprimento das necessidades de Hunting, para que a terapêutica possa ocorrer.

#### **4. Conclusão**

Em suas argumentações, observamos a importância que Winnicott dá ao ambiente especializado para o melhor tratamento da tendência antissocial. Esse ambiente é visto tanto numa estrutura micro como macro. Como muitas vezes ressaltado, a criança ou o adolescente vai em busca de uma estrutura macro (ambiente social) quando há uma falha ou perda na micro (ambiente familiar). Winnicott não restringe os cuidados à família, pelo contrário, destaca a importância da assistência social, escola, comunidade como provedor ambiental.

De acordo com Winnicott (1955), na tendência antissocial o indivíduo tem duas opções, a primeira é destruir completamente o eu ou estremecer a sociedade até que ela forneça o cuidado. Falando sobre o aspecto social nesse contexto, ele afirma:

Obviamente, alguém terá que cuidar da criança. A comunidade já deixou de negar sua responsabilidade por crianças vítimas de privação; na verdade, hoje em dia a tendência é justamente a inversa. A opinião pública exige que se faça o máximo possível pela criança carente de vida familiar própria. Muitos de nossos problemas atuais provêm das dificuldades práticas resultantes da nova aplicação dos princípios que derivam da nova atitude. Não é possível fazer a coisa certa por uma criança promulgando uma lei ou instalando uma engrenagem administrativa. Essas coisas são necessárias, mas constituem apenas um primeiro e melancólico estágio. Em todos os casos, um tratamento apropriado de uma criança envolve seres humanos, e esses seres humanos tem que ser do tipo certo; e o número de tais pessoas imediatamente disponíveis é nitidamente limitado (Winnicott, 1950, p. 201)

Porém, nos deparamos muitas vezes com uma sociedade que não está disposta a encarar e entender o que de positivo encontramos na tendência antissocial. Em parte, por ter sido afetada e também por ignorar importante aspecto. Winnicott (1965) destaca que o estudo da tendência antissocial combinado com a terapia possibilita a busca por um diagnóstico o mais breve possível.

A história de Will retrata uma trajetória que pode ser traçada para lidar com as consequências da privação em uma criança ou adolescente. Hunting que não conseguia estabelecer outros vínculos afetivos para além do melhor amigo, encontra no novo ambiente, na relação terapêutica, a possibilidade de começar a desenvolver a capacidade de envolvimento, a confiança e o sustento necessário.

No presente trabalho destacou-se uma reflexão das possíveis consequências que a privação familiar pode gerar não só no desenvolvimento da criança mas, principalmente, no processo de alcance da vida adulta. Através das contribuições de Winnicott podemos admitir papéis que a sociedade pode, e deve assumir, diante de uma situação de tendência antissocial. É importante que a população e as instituições brasileiras busquem entender e disponibilizar-se como um ambiente facilitador desse processo.

Somos um país onde, segundo dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), existem quase 34 mil crianças e adolescentes abrigadas em casas de acolhimento e instituições públicas em todo país (2020). Essas crianças e adolescentes sofreram algum tipo de privação em algum momento e podem vir apresentar tais comportamentos. Logo, entender como acolher e abrigar essas crianças é papel das instituições encarregadas das políticas públicas e assistência social, assim como da comunidade em geral, que se relacionará com essa criança ou esse jovem a qualquer momento. Além de que, se esse processo obtiver sucesso pode-se evitar um choque entre a tendência antissocial e a reação social que poderia causar o endurecimento do caso, o que Winnicott (1965) associa a delinquência.

Winnicott (1956) destaca, como vimos, que alguns comportamentos manifestados pela tendência antissocial são roubo, mentira, incontinência, condutas desordenadas e caóticas. Esses comportamentos são comuns em crianças e adolescentes vistos como ‘delinquentes’ em nosso país. Por isso destaca-se a importância do tema, não só para o entendimento da população mas desde já o cuidado que tal conhecimento poderá gerar para com essas crianças e adolescentes através do ambiente social. É importante que a sociedade mesmo que se sentindo ferida por ser vítima desse comportamento busque entender a raiz por trás de tais atos. É necessário que compreendamos os pedidos de socorro, de reivindicação vindo dessas crianças e adolescentes principalmente nos contextos onde eles são mais apresentados como as ruas, instituições de acolhimento e escolas.

Observa-se então a importância de refletir sobre o tema para a criação de cuidados e facilitações para o desenvolvimento dessas crianças e adolescentes. Como apresentado, a

partir das contribuições de Winnicott, entende-se a importância da integração de vários grupos que envolvem a esfera macro e micro que o indivíduo está inserido, para uma intervenção. A escola, os cuidadores, a assistência médica, a família, todos os grupos sociais presentes na vida destes se tornam responsáveis por observar seus comportamentos e a presença de possíveis atos e de possibilitar o cuidado e facilitadores necessários.

A tendência antissocial exige cuidado para um indivíduo que está inserido em contexto social, político e econômico. Logo é importante a percepção dessas áreas a respeito do tema e mudança na forma de lidar com tais comportamentos, sendo então necessária a pesquisa e estudos sobre tais assuntos. Trabalhos como esse podem possibilitar o conhecimento e o entendimento da origem da tendência antissocial que gerará subsídios eficientes de cuidado e intervenção por parte de cada indivíduo envolvido. Possibilita também a prevenção de recidivas comportamentais.

Esses indivíduos terão contato com diversos membros da sociedade, que devem saber como lidar com eles. Logo é essencial o conhecimento por parte de todos. É fundamental que mesmo os grupos que não lidem diretamente com tais crianças e adolescentes, ofereçam apoio aos profissionais e/ou a família que estão diretamente ligadas a elas, sendo essencial o conhecimento sobre o assunto também.

É relevante destacar que o presente trabalho sozinho é limitado por entender as tantas possibilidades de discussões e contribuições que o tema possibilita e as áreas que o envolve. Por isso, as conclusões aqui expostas expõem a necessidade da continuação de pesquisas ligadas a crianças e jovens, falhas ambientais e tendência antissocial por estudos ampliados e transdisciplinares.

## REFERÊNCIAS

Assunção, Sheyla; Pozzebom, Elina Rodrigues. Dia da Adoção: Brasil tem 34 mil crianças e adolescentes vivendo em abrigos. Senado Notícias, 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/05/22/dia-da-adocao-brasil-tem-34-mil-criancas-e-adolescentes-vivendo-em-abrigos#:~:text=Segundo%20dados%20do%20Sistema%20Nacional,totalmente%20prontas%20para%20a%20ado%20%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 15/12/2020.

Castro, T. G. D., Abs, D., & Sarriera, J. C. (2011). Análise de conteúdo em pesquisas de Psicologia. *Psicologia: ciência e profissão*, 31(94), 814-825.

Creiasco, M. V. F., Schinemann, D., & Pimenta, S. D. O. (2015). Mães que perderam filhos: uma leitura psicanalítica do filme Rabbit Hole. *Psicologia: ciência e profissão*, 35(1), 54-68

- De Sá, A. A. (2001). Delinquência infanto-juvenil como uma das formas de solução da privação emocional. *Psicologia: Teoria e Prática*, 3(1).
- Dias, E. O. (2000). Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza humana*, 2(1), 9-48..
- Gênio Indomável. (1997). Direção: Gus Van Sant, Estados Unidos, Miramax, Imagem Filmes, 1 (2h7min).
- Justo, J. S., & Buchianeri, L. G. C. (2010). A constituição da tendência anti-social segundo Winnicott: desafios teóricos e clínicos. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9(2), 115-127.
- Klautau, P., & Salem, P. (2009). Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. *Natureza humana*, 11(2), 33-54.
- Leitão, H. A. L. (2017). O self no espaço compartilhado: a subjetividade relacional em Winnicott. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 7(1), 48-58.
- Londero, A. D., & Souza, A. P. R. D. (2016). Prevenção e intervenção em casos de tendência antissocial em uma perspectiva winnicottiana: alterações de linguagem como sintoma inicial da deprivação ambiental. *Revista CEFAC*, 18(2), 544-554.
- Pacheco, J. T. B., & Hutz, C. S. (2009). Variáveis familiares preditoras do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 25(2), 213-219.
- Rosa, C. D. (2017). O pai e a tendência antissocial: considerações a partir da psicanálise de Winnicott. *Natureza Humana-Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, 19(2)
- Winnicott, C. Introdução. (1983). In Winnicott, D. W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. XI-XVI.
- Winnicott, D. W. (1939). Agressão e suas raízes. In \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 93-110.
- Winnicott, D. W. (1946). Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 127-134.
- Winnicott, D. W. (1951). O alicerce da saúde mental. In \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 191-194
- Winnicott, D. W. (1955). Influências de grupo e a criança desajustada: o aspecto escolar. In \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 215-226.
- Winnicott, D. W. (1956). A tendência antissocial. In \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 135-147.
- Winnicott, D. W. (1958). A psicologia da separação. In \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 149-152.
- Winnicott, D. W. (1961). Variedades de psicoterapia. In \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 263-273
- Winnicott, D. W. (1963). A luta para superar depressões. In \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 163-175
- Winnicott, D. W. (1963). O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 111-117.
- Winnicott, D. W. (1965). Dissociação revelada numa consulta terapêutica. In \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 291-319.
- Winnicott, D. W. (1987). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.